

## A relação com o Cristo pobre

Como Francisco, também Clara seguia o Evangelho. Sua atitude se fundamenta na profunda admiração e no silêncio, na meditação penetrante da realidade da fé, que Deus se revela de modo incrível, fazendo-se homem, carne, pobre. Este é o núcleo central do carisma franciscano:

“Neste espelho, portanto, resplandecem a santa pobreza, a sagrada humildade e a inefável caridade, como nele poderás, com a graça de Deus contemplar.

Atende, digo-te, àquilo que este espelho mostra em primeiro lugar, a saber, a pobreza daquele que está deitado no presépio, envolto em panos. Ó admirável humildade, ó estupenda pobreza. O Rei dos anjos, Senhor do céu e da terra, repousa numa manjedoura.

Contempla o que te mostra esse espelho em seguida: a humildade junto com a santa pobreza e tantas fadigas e dores que Ele suportou pela redenção do gênero humano.

Por fim, observa nesse mesmo espelho a inefável caridade com que quis sofrer na cruz e nela morrer a morte mais cruel. Colocado no lenho da cruz, esse mesmo espelho adverte aos que passam dizendo: ‘Ó vós todos, que passais pelo caminho, olhai e julgai se existe dor igual à dor que me atormenta’ (Lm 1,12). Respondamos a ele que clama e geme, assim nos exorta esse espelho, com uma só voz e com um só espírito: ‘A pensar nisto sem cessar, a minha alma desfalece dentro de mim’ (Lm 3,20)” (4Ctln 15-24).

Esse modo de falar lembra a devoção natalina de São Francisco. Clara assumiu as recomendações de Francisco, “aceitando-o, depois de Deus, como seu guia no seu caminho.”

Ela inclui na sua Regra o testamento que Francisco escreveu para as Irmãs: “Eu, Frei Francisco, o menor de todos, quero seguir a vida de pobreza do nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe e nela perseverar até o fim. Rogo-vos, senhoras minhas, e dou-vos o conselho de viverdes sempre esta santíssima pobreza. Guardai-vos cuidadosamente de vos afastardes dela pelos ensinamentos ou conselhos de quem quer que seja” (RegCI VII,6-8).

Segundo as palavras de Clara, este testamento foi escrito por São Francisco “a fim de que nem nós nem tampouco aquelas que viriam depois de nós jamais nos afastássemos da altíssima pobreza que temos abraçado” (RegCI VI, 5).

Clara amava a pobreza por um só motivo: porque descobriu que ela foi amada por Jesus Cristo. Clara não elaborou uma teologia das virtudes; a sua religião não se apoiava numa doutrina abstrata, mas consistia essencialmente em relações vividas. Para ela, pobreza e amor têm o mesmo rosto, o de Jesus Cristo pobre e crucificado, portanto, o rosto da “santa pobreza”.

Clara convida a contemplar Jesus Cristo com fé e amor, para descobrir nele o exemplo da perfeição e para seguir o seu modelo.

CCFMC, Lição 19, C 2.3